

A Musa das Histórias

Era uma vez... era uma vez... era uma vez... nada, estava engasgada a criatividade e eu olhava para a folha branca que se recusava a dar-me uma mãozinha.

Não saía nada, as ideias tinham fugido e o Zé ia ficar sem a história prometida.

-Quero uma das tuas!- exigia, sempre que era a minha vez de lhe aconchegar os cobertores.

Há quanto tempo tinha acontecido... e ainda parecia que tinha sido ontem.

Salvo por um milagre, ainda hoje o comandante dos bombeiros achava inacreditável que o miúdo pudesse ter sido projetado com a cadeira para o cimo do carvalho, naquele brutal acidente em cadeia na IP4, que tinha feito mais de vinte mortos.

Só horas depois, quando removiam os últimos escombros e as derradeiras chapas do local, para que o trânsito pudesse retomar as duas faixas, por acaso, um dos bombeiros tinha ouvido o choro de uma criança que parecia vir de cima.

Sentada à mesa, o marcador na mão, a folha branca a lançar-me um olhar de desafio, relembro todo o processo jurídico para que nós três, as manas Pereira, solteiras e prendadas, pudéssemos adotar a criança, de quem se desconheciam familiares diretos.

E o Zé aterrou na nossa casa, há precisamente oito anos.

Como todas as crianças da sua idade, adorava histórias, só que agora tinham de ter umas personagens estranhas, vindas dos confins de uma qualquer galáxia que eu (a tia Quina) me esforçava por descortinar pegando no meu telescópio mágico.

Porém, hoje, a minha imaginação estava vazia e o terreno estéril. Não tinha vontade de viajar para longe nem de me encontrar com monstros, bruxas, vampiros, zombis, nem outros quejandos.

Aliás, pelos vistos, não ia fazer coisa nenhuma. Sentia-me incapaz de criar e a folha, aterrorantemente branca, continuava à minha frente, impávida e serena, sem um único risco ou sarrabisco.

Cruzei os braços sobre a mesa e o olhar vagueou para longe através da janela aberta e sorri. O Zé andava no terreiro a jogar futebol com os amigos da escola e os gritos da rapaziada enchia os ares. Com as bochechas rosadas, eram bem a imagem da felicidade e da alegria de viver.

A brincadeira hoje era especial, pois tinham começado as férias de Natal.

Ah! A juventude... O Zezinho um miúdo bem-disposto, sempre pronto a fazer um agrado a todos, sempre pronto a ajudar.

A Berta dizia que era um anjo descido à Terra disfarçado de criança. Era impossível ver alguém deprimido ou acabrunhado junto dele. Como por um passe de magia, um meio sorriso aparecia logo na face da pessoa e a tempestade amainava e a bonança instalava-se.

Que poder maravilhoso e fantástico o seu! Ser capaz de afastar a depressão, as nuvens negras de quem com ele contactasse!

Suspirei e olhei de novo para a folha imaculadamente branca. Não sei se esperava que tivesse mudado de cor ou que alguém (que não eu) a tivesse coberta de texto, de palavras ordenadas com sentido e que constituíssem um todo, de preferência do agrado do Zé. Mas esse milagre não estava calendarizado no livro das atividades dos deuses, nem das musas da escrita, das histórias, do diz-se diz-se. Tinha de labutar e procurar encontrar inspiração para uma história, mesmo às três pancadas.

E tinha de ver com o Natal. Olhei a árvore enfeitada, com a estrela a brilhar lá no alto, nos chocolates que iam desaparecendo. Não valia de nada dizer que eram para o Natal. Pense na minha infância, procurei que o Pai Natal me inspirasse numa carta escrita por uma quarentena... Qual quê? Nada. Não saía nada, nem nenhum dios duendes da fábrica do Pai Natal nem nenhuma das suas renas me veio ajudar.

A entrar já em desespero de causa, fechei os olhos e respirei profundamente. Ou resolvia o assunto ou tinha mesmo de desistir. Tinha prometido fazer a marmelada e a Nucha (Mónica de seu nome) matava-me se eu não aparecesse na cozinha para a ajudar. Isto das manas mais velhas tinha que se dizer. Às vezes, sentia-me como que entalada entre as duas. A Nucha puxava para um lado e, mandona como era, achava que as mais novas lhe deviam obediência. Já a Berta, nariz empinado, a menina do papá, com menos dez anos do que eu, fazia birrinha de mana mais nova e puxava para o outro. Quando uma dizia sim, a outra dizia não e quem se via em apuros era eu que, forçada a desempatar, me via sempre em grandes embrulhadas e era alvo de caras zangadas, narizes franzidos e piadinhas irritantes.

Belos tempos esses que já tinham ido.

Reconheço que, forçada constantemente a tomar partido e a enfrentar tempestades, acabei por ficar a mais preparada para a vida, aquela que ponderava calmamente o caminho a seguir, quando se apresentava uma daquelas encruzilhadas

dolorosas da vida. Quanto aos feitios controversos e difíceis das outras manas, já não me faziam moossa.

Só costumava comentar: “Que velhas rezingonas e rabugentas vocês me saíram!”

Os olhares das duas eram dardos fuziladores, no entanto, o comentário resultava e o silêncio impunha-se. Velhas! A mais nova ainda não tinha quarenta anos!

E a história? Juro que, por um segundo, na folha à minha frente, vi uns olhos que me olhavam atrevidamente e uma boca com barba branca, que sorria com ar de gozo. “Palerma! Escreve o que estás a falar!” Barba branca?

Olhei à minha volta, meia assarapantada, à procura de quem me pudesse ter insultado. Estava sozinha no aposento inundado pela luz solar, que entrava a jorros pela janela e aquecia o aposento. O mau tempo já se tinha há mais de dois meses com armas e bagagens. Estávamos a 15 de dezembro.

Aquele dia abençoado seria um verão de S. Martinho atrasado um mês? “Palerma!” Fitei a folha completamente embasbacada,. Ela tinha falado. Como é que podia ser? “Às tantas foi o sol da moleirinha!” pensei com os meus botões.

E pus-me a olhar fixamente para a dita cuja, que me devolveu a sua brancura gélida e fria, sem qualquer compaixão pela minha necessidade. O que é que poderia esperar? Era uma mera folha de papel!

Levantei-me e fui confeccionar a marmelada. Os miúdos lancharam torradas e pão barrados com o doce acabadinho de fazer. Até lamberam os dedos!

Nessa noite, à hora da história, disse ao Zé:

-Desculpa, mas hoje não saiu nada.

-Não faz mal, tia Quina. Vamos inventar uma?

E, nessa noite, a história foi contada a meias e acabámos por contar a “história da folha branca que se recusava a dar uma mãozinha à autora, permanecendo imaculadamente branca, impávida e serena”.

Quanto à história, peço desculpa, mas saí do quarto antes dela ser inventada. A Quina não precisava da minha ajuda. Só sei que metia um velhote de barbas brancas vestido de vermelho e com um grande saco também...

Quem sou eu? A Musa das Histórias, quem mais poderia ser?

E Vocês, sabem quem seria o velhote?

Maria Teresa Portal Oliveira